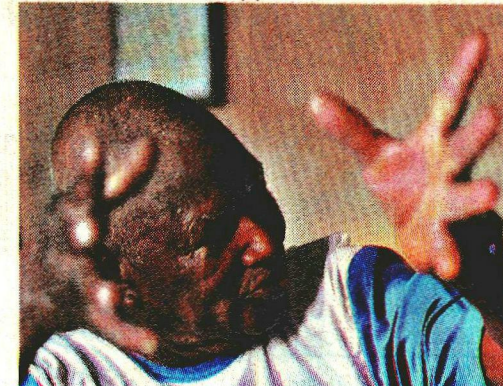


A CIDADE LIVRE NÃO ESTAVA NOS PLANOS DE ISRAEL PINHEIRO, QUE ACABOU CEDENDO AOS ARGUMENTOS DE BERNARDO SAYÃO E PERMITIU QUE SE ABRISSEM TRÊS LARGAS E PARALELAS AVENIDAS PARA QUE NELAS SE INSTALASSEM OS ESTABELECIMENTOS PROVISÓRIOS QUE IRIAM ATENDER CANDANGOS E VISITANTES

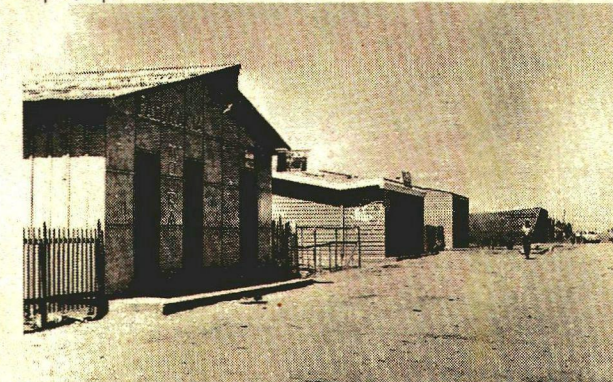
Gustavo Moreno/CB/DA Press - 4/2/00



Clementino Cândido tirou areia e cascalho do Rio Corumbá para as obras de Brasília, participou da construção do Catetinho, do Palácio da Alvorada, do Supremo Tribunal Federal, do Teatro Nacional, do Banco do Brasil até ser levado para a sede da Construtora Rabelo, onde se aposentou. Hoje ele mora no Riacho Fundo.

"Cheguei à Cidade Livre em 5 de janeiro de 1957. Vi uma Rural (Willys) chamando para tirar areia em Corumbá. Cheguei passando mal, com uma (gripe) asiática. Mesmo assim, subi na Rural. Quando recebi os primeiros tosses, quando vi aquele dinheiro, falei 'nossa senhora, desse jeito até depois de morto eu trabalho'. Asiática era uma gripe muito forte, mais forte que a pneumonia. Só não punha sangue, mas tinha aquela tosse, os olhos vermelhos, a dor de cabeça de matar e vômito. Quando mergulhei na água fria do (rio) Corumbá para trazer cascalho pra construir Brasília, saí. A água gelada do Goiás me curou da asiática. Foi aí que um motorista me disse que eu tinha que trabalhar fichado na firma. Que eu tinha que pagar instituto (previdência social) pra quando eu me aposentasse quando ficasse velho. E eu sabia o que era instituto? E eu sabia o que era firma? Não sabia nada. Sabia muito era montar num cavalo bravo, pegar boi bravo, lá em Rio Casca (Minas Gerais). Eu achava que documento era só a identidade e a reserva. Nem sabia que tinha a tal de (carteira) profissional. Eu só tinha o registro. Meu primeiro pagamento foi de 5.226 cruzeiros. Cinco mil, duzentos e vinte e seis! Nunca tinha visto tanto dinheiro, Nossa Senhora. Eu não sabia contar dinheiro. Pedi pra meu colega contar, e fiquei encostado nele com medo de pegar o meu dinheiro. Se ele tentasse, eu pegava ele até no dente!"

Arquivo/Arquivo Público do DF



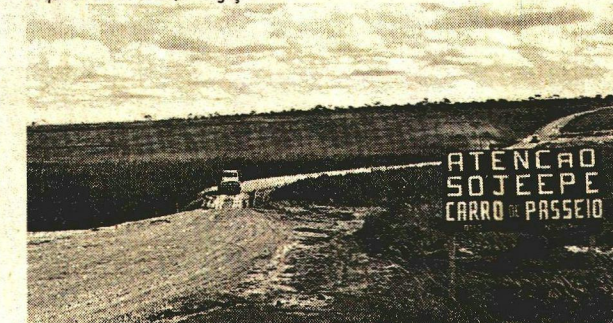
Farmácia Moura, uma das primeiras da cidade pioneira

Ake Borglund/Divulgação



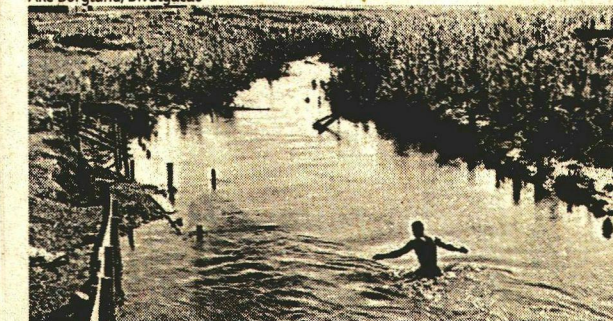
O Jipe e a lavadeira: personagens do começo da história

Arquivo Público do DF/Divulgação



O aviso nas primeiras estradas: caminhão não podia passar

Ake Borglund/Divulgação



O córrego Vicente Pires, em 1957: uma cidade bem ao lado

www.correioabraziliense.com.br



Acompanhe no nosso site mapas, filmes, fotos e textos que vão contar a história das obras de Brasília construídas até a inauguração.

LEITURAS

- » *Brasília, o enigma da esfinge*, Luís Carlos Lopes, Editora Unisinos/Editora UFRS, 1996
- » *Cidade Livre*, João Almino, Record, 2010
- » *Cotidiano e polícia: a vida social e a intervenção policial durante a construção de Brasília (1956/1960)*, Paula Francinetti da Silva, dissertação de mestrado, história/UnB, 1994
- » *De Plano Piloto a Metrópole, a mancha urbana de Brasília*, Juscelino Duarte de Brito, série Brasília Histórica 50 anos, UnB/Sinduscon
- » *Diário de Brasília, 1956/1957*
- » *Mil dias para uma cidade*, Adilson Vasconcelos, edição do autor, 1963
- » *Os pioneiros da construção de Brasília, volumes 1 e 2*, Adilson Vasconcelos, edição do autor, 1992
- » *Revista Brasília*, números 1 e 2, Novacap, janeiro e fevereiro de 1956

AGRADECIMENTOS

- » Arquivo Público do Distrito Federal
- » D.A. Press

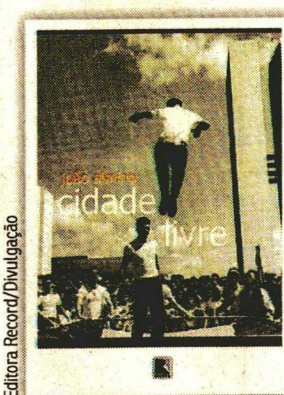
PROVISÓRIA, DESOBEDEIENTE E LIVRE

O desenho original da Cidade Livre se manteve no Núcleo Bandeirante: três avenidas paralelas e uma de contorno



A avenida larga, de lotes demarcados para o comércio: poeira, carroça e uma solidão que durou pouco

Divulgação/DF



Editora Record/Divulgação

FIÇÃO E LIBERDADE

"Papai, tia Francisca, eu e já então tia Matilde estávamos entre as quatrocentas pessoas a viver, quando de sua inauguração em fevereiro de 1957, na cidade que surgia do loteamento em terras das fazendas Bananal, Vicente Pires e Gama e cujas principais avenidas foram abertas pela Novacap apenas poucos meses depois de nossa chegada. Em 1957 papai começava a me treinar como guia daquela cidade, a Cidade Livre — livre principalmente porque isentava os comerciantes de pagar impostos. Os visitantes me achavam engraçado porque eu sabia tudo sobre a cidade, em meados daquele ano conhecia cada uma de suas trezentas e quarenta edificações, suas casas e seus armazéns de secos e molhados, vinha com o tempo a conhecer seus restaurantes, lojas de tecidos, barbearias, tinturarias, marcenarias, açougues, farmácias, suas duas escolas, seus cinemas, seus bares, pensões e hotéis de madeira, que anunciavam o conforto em colchões de molas, bem como, na praça central, a igreja católica São João Bosco, que Valdivino ajudara a construir, onde o corpo de Bernardo Sayão um dia seria velado e onde eu confessava minhas fantasias com a tia Francisca ao padre Roque Villati."

Cidade Livre, João Almino

A mão de obra chegava, os empreendedores pioneiros montavam seus pequenos comércios, e em 17 de fevereiro de 1957 inaugurava-se o restaurante do Saps (Serviço de Alimentação da Previdência Social), próximo ao galpão da Novacap, na Candangolândia. "Para os acampamentos das demais companhias construtoras que trabalham na área de Brasília, as refeições são enviadas em grandes marmitas térmicas modernas e fechadas", registrava a revista. No almoço, a ração era composta de arroz, feijão, batata e "nem sempre, carne", como apurou a pesquisadora Paula Francinetti da Silva (ver Leituras). A noite, sopa. "Não há moscas no ambiente", informava a revista *Brasília*, em seu segundo número.

Havia moscas, sim, conta o médico Edson Porto, o primeiro a chegar a Brasília. Não se sabe exatamente quando, mas aconteceu uma epidemia de diarreia na Cidade Livre. "Eu sempre ia a Luziânia comprar enteroviofórmio, até que um belo dia não encontrei mais nenhum comprimido. Aí o farmacêutico, o Moura, me disse: 'Teve um senhor aqui que comprou todo o estoque'. Descobri que o cozinheiro do Saps, um italiano, tinha comprado os medicamentos. Ele estava colocando o enteroviofórmio no feijão para prevenir

da diarreia. Costumo dizer que ele foi o primeiro sanitarista de Brasília", conta Porto.

Ex-prefeito de Rialma (GO), parceiro de Bernardo Sayão na Colônia Agrícola Nacional, em Ceres, José Carlos de Souza, 90 anos, tem uma versão para o surgimento da Cidade Livre. Souza foi um dos primeiros a chegar ao canteiro de obras da nova capital, veio em novembro de 1956, viu chegar um avião "carregado de tábuas" e acompanhou Sayão nos preparativos para a inauguração do Catetinho. Passada a festa, o engenheiro perguntou se Souza queria emprego em Brasília. "Não, doutor Sayão, quero fazer um hotel." Imaginava uma pequena edificação de madeira para receber os que chegavam e não tinham onde se alojar, mas não se havia pensado, até então, em permitir o surgimento de nenhuma cidade que não fosse a nova capital.

Israel Pinheiro não queria a Cidade Livre. Foi uma briga entre Sayão e ele. Eu ouvi eles conversando pelo rádio da Fazenda do Gama. Doutor Sayão perguntava: "Onde vão ficar os operários que forem chegando atrás de emprego?" Com muito custo, Israel concordou em fazer a Cidade Livre", relata José Carlos de Souza, hoje morando em Luziânia. Enquanto Joffre Mozart Parada traçava as três

vias paralelas do futuro Núcleo Bandeirante, Souza foi providenciar a mudança da família e a compra de material de construção. "Em dezembro de 1956, já estávamos debaixo de uma barraca de lona, na Avenida Central, eu, minha mulher e quatro filhos, todos com menos de 12 anos. Todo dia aparecia gente querendo um prato de comida porque não havia lugar pra comer." O Hotel Souza foi o segundo a ser construído na Cidade Livre. Seis meses depois, os cinco primeiros estabelecimentos se multiplicaram vertiginosamente. Em julho de 1957, havia 342 edificações de madeira que abrigavam de agências bancárias a prostíbulos.

Das lembranças que os candangos e os visitantes guardam do tempo da construção, a erupção vulcânica da Cidade Livre é uma das mais recorrentes. Quem passou pela Cidade Livre nunca dela se esqueceu. Tão forte impressão já mereceu um romance, *Cidade Livre*, de João Almino, lançado no ano passado (veja trecho). Depois de levar Brasília para dentro de seus quatro primeiros livros de ficção, o autor achou que havia chegado a hora de tratar do tema "através da dimensão concreta da fundação da cidade". Nada mais concreto que a realidade desordenada e mutante da Cidade Livre.

LEIA NA EDIÇÃO DE 30 DE JULHO DE 2011

— O topógrafo que ajudou a demarcar o Eixo Monumental, o Eixão e o Marco Zero mora até hoje em Brasília. Os bastidores da escolha do projeto do Plano Piloto.

» CONCEIÇÃO FREITAS

Para construir a nova capital do país foi necessário criar uma outra cidade, mais próxima do canteiro de obras do que as já existentes Planaltina e Brazlândia. Era uma cidade provisória, desobediente, desordenada. Houve certa hesitação de parte de Israel Pinheiro, o superpoderoso engenheiro que comandava a Novacap, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital. Mas outro engenheiro, Bernardo Sayão, conseguiu convencer o chefe a abrir três avenidas paralelas, entre os córregos Vicente Pires e Riacho Fundo. Ficou decidido que o núcleo pioneiro, de 3 km², seria dividido em lotes entregues em regime de comodato. O comerciante teria 30 dias para construir, em madeira, o seu estabelecimento. De graça, sem pagamento de impostos. Uma cidade livre. Que teria de ser demolida quando a capital fosse inaugurada.

Na virada de 1956 para 1957, já havia na cidade provisória cinco empreendimentos comerciais — um restaurante, duas padarias, um açougue e um hotel, o Brasília. Em 15 fevereiro, já havia mais um hotel, o Souza, mais uma padaria, um bar e dois armazéns. Até então, a Novacap referia-se àquelas vias largas e longas como Cidade Provisória e Cidade Pioneira. Era o carvão em brasa para a explosão que viria, o prenúncio do que aconteceria na capital do país. A cidade seria ocupada por uma leva infindável de brasileiros, movimento que ficou registrado na memória de Mercedes Ribas Parada, 85 anos, viúva do engenheiro Joffre Mozart Parada: "Quando eles pulavam dos paus de arara, subia uma nuvem de poeira e eu ficava olhando lá de casa".

Janeiro de 1957 trouxe também a Revista *Brasília*, mídia oficial da Novacap, prescrita na mesma lei que criou a companhia. Em sua primeira edição, a revista informa as possibilidades de acesso à nova capital. Podia-se chegar de avião, de trem ou por rodovias. Havia dois campos de pouso na cidade (a pista do aeroporto comercial, o hoje Juscelino Kubitschek de Oliveira, estava sendo construída). Quatro companhias aéreas já faziam voos para Brasília: a Loides Aéreo, a Vasp, a Cruzeiro do Sul e o consórcio Real-Aerovias-Nacional. Era possível vir de trem, do Rio de Janeiro, passando por Belo Horizonte, Goiânia até Anápolis. Ou por terra: do Rio, passando por São Paulo, Uberlândia, Goiânia e Anápolis.

Aí começava o nó: no começo de 1957, não havia estrada de Anápolis a Brasília. Vinha-se por Corumbá, numa estrada que dava acesso ao então povoado de Brazlândia. Parava-se na Fazenda do Torto e de lá se descia para a Cidade Livre. O Torto era uma espécie de entroncamento rodoviário que recebia os primeiros candangos. Se, no último trimestre de 1956, Sayão havia tido dificuldade para contratar mão de obra e precisou ir a Ceres (GO), convocar os goianos que o acompanharam na criação da colônia agrícola, em 1957 a campanha de divulgação de Brasília já surtia efeitos. A Novacap ainda tentou ordenar de algum modo a migração para Brasília. Em janeiro, pediu ao estado de Goiás que tornasse público que ninguém deveria vir para a nova capital em busca de emprego sem passar antes pelo escritório da companhia em Goiânia. Durante vários dias, o aviso foi publicado nos jornais da capital de Goiás.